



REVISTA ELETRÔNICA DISCENTE HISTÓRIA.COM UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

SÉBASTIAN CASTELLION: PELA LIBERDADE DE SER HEREGE

André Augusto Bousfield¹

ALMEIDA, Leandro Thomaz de. *É necessário queimar os hereges: Sébastian Castellion e a liberdade de opinião na época da Reforma Protestante*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. 120p

Chega ao mundo acadêmico brasileiro uma obra inédita, que passa pela história e os estudos sobre religião. Em tempos de Comissão da Verdade, em tempos de tristes lembranças do Golpe Militar, para os que sofreram com ele, sobretudo, em tempos de uma pulverização mercadológica de religiões, obras literárias e mecanismos de imprensa, e em tempos em que a opinião, seja lá de quem for, pode sofrer algum tipo de rechaço político, social e religioso, chega-nos a obra de Leandro Thomaz de Almeida: *É necessário queimar os hereges. Sébastian Castellion e a liberdade de opinião na época da Reforma Protestante*.

Obra bem-vinda, cujo ineditismo se deve à apresentação de um autor pouco conhecido, do século XVI, *Sébastien Castellion*. Seus textos são trazidos ao público brasileiro pela primeira vez por Leandro Thomaz de Almeida, que, além de ser bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (SPS) de Campinas, é licenciado em Letras pela Unicamp, bem como possui Mestrado e Doutorado em Teoria e História Literária pela mesma Unicamp. Essa obra, coincidentemente, é fruto de um período em que Leandro Almeida estava em Paris realizando uma parte de seu doutorado, pesquisando desde o papel da moral na avaliação de romances naturalistas franceses até a ideia de natureza vigente no século XIX e questões afins, quando, pelos corredores da biblioteca *Sainte-Geneviève*, deparou com o nome de *Castellion*.

¹ Doutorando em Teologia e História pela Faculdades EST de São Leopoldo (RS); vinculado ao grupo de pesquisa História do Cristianismo na América Latina; andre_bousfield@hotmail.com; agência financiadora: CAPES.

(...) [foi] numa dessas esparecidas, caminhando a esmo pela seção de teologia das prateleiras do prédio que outrora abrigou um pensionato que serviu de repouso a Erasmo de Roterdã, que me deparei com o livro intitulado *Histoire de la tolérance au siècle de la Réforme*, de Joseph Leclerc. Angustiei-me ao ver que não teria tempo para ler os dois tomos de 400 páginas cada um, mas não resisti a um capítulo que tratava explicitamente da condenação de Servetus na Genebra calvinista. Esse capítulo me apresentou Sébastien Castellion.²

Organizando seu tempo e seus estudos, Leandro Almeida dedicou-se, uma vez por semana, a ler as obras de *Castellion* e à escrita do livro que aqui resenhamos.

Como o próprio autor coloca, trata-se de um livro de introdução ao pensamento de *Sébastien Castellion*, que em seu tempo, século XVI, engajou-se intelectualmente em defesa da liberdade de expressão, tempo em que isso poderia colocar a vida de quem defendia tal liberdade em risco. *É necessário queimar os hereges* traz em seu apêndice um texto na íntegra de *Castellion*, uma dedicatória de sua obra *Traité des hérétiques* ao Duque de Württemberg. Esse é o primeiro texto de *Castellion* a ser traduzido para o português.

Leandro Almeida revela um estilo único na sua forma de escrever, estilo que não apenas revela erudição, sobretudo ao lidar com o francês e com fontes históricas, mas crítica e cavalheirismo nas considerações. Os escritos de *Castellion* analisados, giram em torno do reformador do século XVI, João Calvino que, em sua ruptura com o catolicismo romano, tendo como sede dessa reforma a cidade de Genebra, gerou uma nova forma de religiosidade cristã, mas não tão nova em seu todo. Afinal, Calvino carrega em seu currículo a morte de um médico, *Michel de Servetus*, pelo fato desse mesmo médico questionar Calvino, com grande ímpeto humanista, sobre o modo como o reformador protestante compreendia a doutrina da Trindade. Calvino, que protestara contra a Igreja Romana, não admitia protesto crítico contra o seu próprio modo de lidar com sua considerada sã doutrina. Resultado: os magistrados genebrinos, com o apoio de Calvino, condenaram o médico espanhol, que tinha sido o primeiro a descrever a circulação de sangue nos pulmões de um ser humano.³ Ou seja, a Reforma Protestante não expurgara totalmente o espírito da "Santa" Inquisição católica. Não é à toa que em outros momentos, como em *Massachusetts*, nos EUA, em 1692, 'bruxas' foram perseguidas e mortas por protestantes, o que levou o dramaturgo *Arthur Miller*, em 1953, escrever a peça *As Bruxas de Salém*.

² ALMEIDA, Leandro Thomaz de. *É necessário queimar os hereges: Sébastien Castellion e a liberdade de opinião na época da Reforma Protestante*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. 120p. p. 19.

³ ALMEIDA, op. cit., p. 22.

A obra de Almeida problematiza um axioma, ora usado na historiografia moderna, ora usado na apologia àqueles que amamos e idolatramos, mas também erram, e ora usado para inocentar os não inocentes: “não se julga um homem fora do seu tempo”. Leandro Almeida questiona esse axioma, pois, como bom pesquisador, entende que nenhum assunto, por mais antigo que seja, está encerrado. Logo, Calvino pode ser avaliado com categorias de seu próprio tempo. Na sua frase mais célebre, escreve Castellion:

Matar um homem não é defender uma doutrina, é matar um homem. Quando os Genebrinos mataram *Servetus*, eles não defenderam uma doutrina, eles mataram um homem. A defesa da doutrina não é negócio do magistrado (o que o gládio pode ter com a doutrina?), é negócio de doutores. O negócio do magistrado é o de defender o doutor como ele defende o camponês, o artesão, o médico, não importa quem, contra injustiças. Por isso, se *Servetus* tivesse tentado matar Calvino, de bom direito o magistrado teria tomado a defesa de Calvino. Mas *Servetus* combateu com argumentos e livros: seria necessário combatê-lo por argumentos e livros.⁴

Almeida, ainda citando *Castellion*: “Vocês combatem contra os idólatras, tomados como inimigos de Deus, e pensam vocês que Deus, que odeia os idólatras, ama os assassinos?”⁵

E noutro texto:

Os judeus se enganaram e perseguiram o Cristo e os apóstolos. Os pagãos se enganaram e perseguiram os cristãos. O papa se enganou e perseguiu luteranos e zwinglianos. O rei Henrique da Inglaterra se enganou e perseguiu papistas e luteranos, zwinglianos e anabatistas. Lutero se enganou e condenou zwinglianos qualificando-os de diabo e lhes votando à *geena*. Somente zwinglianos e calvinistas não se enganariam? Somente eles se assentam no tribunal do Cristo com licença de julgar os heréticos e os matar?⁶

A tensão, desnudada por Almeida, entre João Calvino e *Sébastien Castellion*, pende positivamente para o lado de *Castellion*, que no Brasil nem sequer foi mencionado em alguma obra que enaltece o calvinismo, ou mesmo o critica. Trata-se de uma obra que produz conhecimento, ao invés de mera repetição.

O livro é dividido em cinco capítulos bem distribuídos e uma conclusão. O primeiro capítulo apresenta um *Breve Percurso Biográfico de Sébastien Castellion*, apesar da escassez de informações sobre sua infância; explicita, a seguir, sua função docente no

⁴ CASTELLION, Sébastien. *Contre le libelle de Calvin - après la mort de Michel de Servet*. Traduit du latin, présenté et annoté par Etienne Barillier. Genève: Éditions Zoé: 1998 [1612]. p. 161.

⁵ CASTELLION, Sébastien. *Conseil à la France désolée*. Nouvelle édition avec préface et notes explicatives par Marius F. Valkhoff. Genève: Librairie Droz, 1967. p. 30.

⁶ CASTELLION, *Contre le libelle de Calvin - après la mort de Michel de Servet*, p. 199.

colégio genebrino a pedido de Calvino, e seu pedido de demissão do mesmo colégio e o início das tensões com o reformador genebrino.

Já no segundo capítulo, *Da impunidade dos hereges*, Almeida apresenta os argumentos que *Castellion* utilizou em sua obra *Da impunidade dos heréticos*, sobretudo enaltecendo a consciência de *Castellion*, que entendia que estava certo quanto aos seus argumentos, mas também sabia que não seria ouvido seriamente, não alcançando uma vitória satisfatória, diante da situação imposta pelos magistrados da época.

No terceiro capítulo, *Da arte de duvidar e crer, de ignorar e de saber*, Almeida julga ser surpreendente alguém do século XVI enaltecer sobremaneira a reflexão, colocando em xeque o que seria um dos erros mais recorrentes entre os religiosos: "crer onde é necessário duvidar, duvidar onde é necessário crer".⁷

Dando continuidade no quarto capítulo, *Contra o libelo de Calvino, após a morte de Miguel de Servetus*, nosso autor apresenta a consciência que *Castellion* tinha sobre o perigo de se dar poder àqueles que podem prejudicar seus semelhantes. Explicita Almeida citando um trecho da obra de *Castellion*:

A autoridade de Calvino é hoje muito grande. Eu a quereria ainda maior se visse nele um espírito doce e misericordioso. Mas ele acaba de mostrar claramente que tinha sede de sangue, e seu escrito representa um perigo muito grande para muitos crentes. Por natureza e educação tenho horror de sangue (mas quem não deveria de ser assim?). E me esforço em mostrar ao mundo, publicamente, com a ajuda de Deus, que aqueles que não querem ir à morte não devem se deixar enganar por Calvino, mas se desviar dele.⁸

Já no capítulo cinco, *Antes da conclusão*, Almeida coloca e pontua a noção que *Castellion* possuía acerca de toda e qualquer perseguição fundada na crença, tendo como exemplo maior a guerra entre católicos e protestantes, esse últimos chamados na França de huguenotes. Não há meios e razões que justifiquem a morte de um ser humano, coloca *Castellion* em sua argumentação. Nessa empreitada intelectual, Almeida levanta aqueles que contrariam e relativizam as opiniões de *Castellion*, sobretudo contra Calvino.

No lidar com as fontes, Almeida não contesta sua veracidade, obviamente por se tratarem de originais, no caso dos textos de *Sébastien Castellion* e de historiadores que o analisaram, como *Joseph Leclerc*. Sendo um trabalho introdutório, como Almeida mesmo

⁷ ALMEIDA, op. cit., p. 51.

⁸ CASTELLION, *Contre le libelle de Calvin - après la mort de Michel de Servet*, p. 53.

esclarece, e tratando das fontes produzidas por *Castellion*, Almeida não as problematizou e não as analisou criticamente, e assim correu o risco de tê-las, se assim forem interpretadas, como oráculos da verdade e do bem, enquanto os argumentos de Calvino estariam do lado do 'mal'. Um historiador mais crítico poderia dizer que o texto de Almeida está cometendo o mesmo erro maniqueísta de um fundamentalista religioso, só que invertido. Com isso, perguntas argumentativas que critiquem as fontes pró *Castellion* seriam bem-vindas se fossem registradas no texto. Mas cabe a ressalva de Almeida, quando se expressa que, em sua obra, introdutória, ele quis fazer *Sébastien Castellion* falar.

Em sua conclusão, ao direcionar seu olhar a religiosos protestantes que enaltecem doutrinas de liberdade como 'livre exame das Escrituras', ou 'sacerdócio universal de todos os crentes', Almeida entende que essas parecem se desintegrar frente à intolerância religiosa que se vê hoje no Brasil, onde, depois de quinhentos anos de Reforma Protestante, tal intolerância não queima a pele de ninguém, mas certamente atinge bolsos, nomes, sobrenomes e reputações.